Carrie Elks

Uma luz no outono

As Irmãs Shakespeare

LIVRO 4

Tradução
Andréia Barboza

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2020

VERUS
EDITORA

Material com direitos autorais

Sumário

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23

Material com direitos autorais

1

O que há num nome? Aquela que chamamos rosa com qualquer outro nome teria o mesmo perfume.
— Romeu e Julieta

— Mas eu sempre sonhei com rosas amarelas — a noiva disse, se inclinando para a frente. — Rosas amarelas misturadas com lírios brancos amarrados com sisal.

— Amarelo é muito vulgar, Melanie — a mulher mais velha, sra. Carlton, respondeu, gesticulando como se para dispensar a ideia da futura nora. — No casamento dos Smithson as flores eram cor de pêssego. Muito elegantes e de bom gosto. — A mulher balançou a cabeça ao final, como se essa fosse sua última palavra.

Juliet mastigou a ponta da tampa da caneta, observando as duas discutirem suas preferências para as flores do casamento. Desde que começara a trabalhar como florista, um ano antes, essa tinha se tornado uma cena familiar. Às vezes ela se sentia mais uma terapeuta que qualquer outra coisa.

Tirando da boca a tampa da caneta azul, Juliet rabiscou no bloco a sua frente.

— Sabem, rosas amarelas e cor de pêssego podem ficar incríveis juntas — sugeriu, esboçando rapidamente a imagem de um buquê. — Fizemos algo parecido no casamento dos Hatherly, no verão, e ficou divino. — Ela se inclinou para a sra. Carlton como se fossem amigas íntimas. — E você sabe como Eleanor Hatherly é exigente.

Ela estava expondo o nome de alguém relevante, mas não se importava. Embora fosse estrangeira, morava em Maryland há tempo

Material com direitos autorais

suficiente para saber que nesses círculos ainda havia esnobismo. Caramba, ela tinha sido casada com um dos caras mais esnobes de Shaw Haven.

Ainda estava casada, se corrigiu. Até aquele momento, pelo menos. Graças às leis do divórcio de Maryland, ela e Thomas tinham que viver separados por um ano até que o processo pudesse ser finalizado. Já fazia seis meses, e ela contava os dias.

Melanie olhou para Juliet com um lampejo de esperança nos olhos.

— Eu adoraria um buquê pêssego e amarelo.

Dando tapinhas na mão da moça, a sra. Carlton sorriu.

— Eu sabia que poderíamos chegar a um acordo. Os pequenos detalhes é que importam. Você também vai aprender isso quando for uma Carlton.

Segurando o tablet, Juliet lhes mostrou os diferentes arranjos que tinha em seu catálogo e as ajudou a escolher o mais adequado.

Bem-vinda à vida de casada. Um mundo em que você vai se acabar tentando agradar marido, sogros e até amigos enquanto coloca todas as suas esperanças e sonhos em segundo plano.

Os pensamentos de Juliet retornaram ao próprio casamento. Ela conhecera Thomas quando estudava belas-artes na Universidade Oxford Brookes e ele cursava o programa de pós-graduação Rhodes, um americano na prestigiosa Universidade de Oxford. Foi um encontro puramente casual: ela era a responsável pelas entregas de uma floricultura da região nos fins de semana, trabalho que exercia para tentar pagar o financiamento estudantil. Enquanto caminhava até a Faculdade Christ Church, se esquivando dos estudantes e turistas que admiravam a fonte no meio do gramado, foi praticamente atropelada pelo polido pós-graduando americano, atrasado para o jantar.

Ele a balançou de modo literal e figurado naquele dia. Juliet ficou tão intrigada com sua inteligência e sofisticação quanto ele com a beleza e o talento artístico dela. O relacionamento dos dois parecia saído de um romance de férias: desde o momento em que se conheceram, passaram todos os dias juntos — fazendo piqueniques no parque ou passeando pelos viveiros de plantas. Ele queria saber tudo sobre ela, começando pelos sonhos de infância até os planos para o futuro.

E então ela engravidou.

Mas não foi aí que as rachaduras começaram a aparecer. Eles ainda estavam desesperadamente apaixonados, e as diferenças em suas origens e experiências não significavam nada comparadas à paixão envolvente

Material com direitos autorais

que sentiam um pelo outro. Então, quando — sendo o perfeito cavalheiro que era — Thomas a pediu em casamento, ela aceitou sem hesitar. Afinal haviam sido feitos um para o outro, ou não?

Eles se casaram em Londres. A família de Thomas não compareceu — ela nem tinha certeza se ele os havia convidado. Por outro lado, a jovem recebeu o apoio de suas três irmãs. Lucy — a mais velha — sempre foi a organizadora. Alguns dias depois do pedido de Thomas, ela agendou um horário na prefeitura para o casamento civil e reservou um local para a festa. Até mesmo Kitty e Cesca — ainda jovens, com dezessete e dezoito anos — haviam ajudado, decorando as mesas e fazendo os convites. Caramba, elas até concordaram em usar os vestidos de madrinha que Juliet tinha feito.

Foi um casamento de conto de fadas, apesar da pressa. Juliet, com vinte anos, nunca havia se sentido mais bonita enquanto caminhava até o altar, de braço dado com o pai, a barriga quase invisível sob as camadas de renda branca. E, quando Thomas se virou para olhá-la e seus olhos se aqueceram com o que parecia amor, ela sentiu que seria o começo de uma vida maravilhosa juntos.

Era melhor não pensar nisso. Não agora.

— Onde vocês se conheceram? — Juliet perguntou à noiva.

— Em Harvard — Melanie respondeu.

A moça estava prestes a falar mais quando a mulher mais velha a interrompeu.

— David estava cursando a faculdade de direito. Imagine a nossa surpresa quando ele voltou com mais que uma qualificação.

Melanie ficou vermelha, mas não disse nada.

Juliet engoliu em seco, tentando não se lembrar da reação da sogra quando Thomas lhe apresentou a esposa. Estavam casados havia duas semanas e foram para a cidade natal dele, em Maryland, onde Thomas planejava trabalhar nos negócios da família. Ele assegurou que seus pais se sentiriam da mesma maneira que ele a respeito dela.

Mas desde o começo ela se sentiu uma decepção. As diferenças que ele amava nela em Oxford de alguma forma se transformaram em constrangimento. Ela não se vestia do jeito certo, era artística demais, não havia sequer terminado a graduação, pelo amor de Deus.

Mas essas coisas eram águas passadas, não eram? Ou seriam, assim que o divórcio saísse. Pelo menos ela poderia seguir em frente com sua vida, mesmo que sempre estivesse ligada a Thomas por causa de Poppy, sua filha de seis anos.

Material com direitos autorais

— Definitivamente, será esse — a sra. Carlton disse, apontando para a foto no iPad de Juliet. — Agora vamos escolher a decoração da mesa.

Juliet olhou para Melanie, que assentiu novamente.

— Você vai ficar linda — disse, e o sorriso da jovem se alargou.

Parte dela queria avisar a Melanie que aquilo não ia melhorar. Quando a festa de casamento acabasse, o verdadeiro jogo de poder começaria.

Pare com isso.

Talvez o noivo não fosse tão idiota como Thomas. Ou talvez Juliet estivesse cansada demais. Ela ficara com ele por sete anos, afinal de contas; não tinha sido tudo ruim, tinha? De qualquer forma, precisava ser positiva. Casamentos eram a forma mais confiável de renda para a Floricultura Shakespeare. Ainda estava tentando estabelecer sua loja e sua reputação. As projeções mostravam que deveria começar a lucrar em algum momento no ano seguinte, mas até aquele momento o fluxo de caixa era o mais importante.

Seu celular tocou no bolso, vibrando em seu quadril. Ela o puxou, tomando cuidado para não ser pega, sabendo quanto o gesto pareceria errado para essa mulher, que colocava as aparências acima de tudo. Seu coração apertou quando checou a tela.

Colégio Surrey.

O estabelecimento educacional de maior prestígio de Shaw Haven, a escola de cinco mil dólares que oferecia turmas desde o maternal até o ensino médio. Poppy estava matriculada ali havia um ano e parecia feliz, apesar da confusão em casa.

— Desculpem, é da escola da minha filha. Preciso atender. — Ela deu um sorriso de justificativa para as mulheres à sua frente. — Volto já.

Engolindo em seco, saiu para o corredor da casa colonial. Deslizando a tela para aceitar o telefonema, se preparou para dizer algo. Não tinha sido culpa dela o atraso de Poppy para a aula naquela manhã. A culpa era dos vizinhos — os que haviam se mudado recentemente para a casa ao lado da sua. O caminhão de mudança havia bloqueado a entrada da garagem, e, quando o motorista tirou o veículo, Poppy estava vinte minutos atrasada.

— Sra. Marshall? É Marion Davies. — O tom rígido da diretora a fez se lembrar da sogra. — Estou tentando falar com a senhora há meia hora. Precisamos que os pais dos nossos alunos atendam quando tentamos contatá-los.

— Desculpe, eu estava em uma reunião. Não ouvi o telefone. — Ela

Material com direitos autorais

se sentiu como uma criança malcriada. — Está tudo bem? Aconteceu algo com a Poppy?

— Não exatamente. Ela se envolveu em um... incidente. Preciso que a senhora venha à escola agora para que possamos discutir isso pessoalmente.

A boca de Juliet ficou seca.

— Agora? Sério? Tem certeza que ela não está ferida?

— Não, não está ferida. Mas está com sérios problemas. Não é algo que eu queira discutir pelo telefone. Se a senhora vier ao meu escritório, vou lhe contar tudo.

Juliet olhou para o relógio e fez uma careta.

— Posso ir no fim da aula? — Ainda tinha dez entregas para fazer. Encaixá-las antes que a aula terminasse, às três, já seria bem difícil.

Baixando a voz, a diretora Davies jogou seu trunfo.

— Claro. Eu ficaria feliz em ligar para o sr. Marshall, se a senhora preferir.

— Ah, não, isso não será necessário. Vou chegar em breve. — Não queria que Thomas se envolvesse nisso. Quanto mais distância ela pudesse manter entre ele e a diretora, melhor.

— Muito bem. Até lá. — Com isso, a diretora Davies desligou, e Juliet continuou segurando o telefone no ouvido. *Argh*, teria que ligar para Lily, pedir que ela ficasse até mais tarde na loja e implorar para ela fazer as entregas. Odiava quando isso acontecia, apesar de Lily nunca ter reclamado. Como Juliet, ela apenas tensionava o maxilar e seguia em frente.

E agora parecia que o dia das duas estava prestes a ficar muito pior.

— Sra. Marshall? Por favor, entre. — A administradora da escola apontou para a sala da diretora. Juliet ficou de pé, as pernas trêmulas de repente. Alisou o jeans, ajeitando a camisa para tentar recuperar uma aparência elegante. Ser chamada de "sra. Marshall" soava estranho para ela agora. Foi esquisito perceber com que rapidez passara a ignorar esse nome, em sua cabeça pelo menos. Atualmente, se considerava Juliet Shakespeare de novo, a garota que crescera em Londres. De alguma forma, durante os anos que passara casada, tinha perdido a alegria de viver pela qual Thomas se apaixonara. Sentia como se estivesse tentando

Material com direitos autorais

encaixar uma forma quadrada em um buraco redondo.

Assim que entrou na sala da diretora, todas as cabeças se viraram para olhar para ela. Juliet procurou Poppy primeiro, vendo sua menina de seis anos sentada no canto, com os olhos arregalados e suplicantes enquanto olhava para a mãe.

Ela deu um sorriso reconfortante para a filha. Poppy era agitada e teimosa, mas era uma criança boa que tinha passado por muita coisa.

— Por favor, sente-se — a diretora Davies falou, apontando para a única cadeira vazia.

Juliet se sentou ao lado de Poppy. Foi quando notou a outra criança — um garotinho loiro sentado em uma cadeira de adulto, as mãos agarradas a um trenzinho azul.

Havia uma marca recente em sua bochecha. Como se ele tivesse sido esbofeteado.

Ah, não.

— Sra. Marshall, este é o sr. Sutherland. O filho dele, Charlie, começou aqui no Colégio Surrey hoje.

— Sra. Marshall? — uma voz rouca e profunda perguntou. — Dos Marshall de Shaw Haven?

O coração de Juliet acelerou no mesmo instante. Ela virou a cabeça lentamente para olhar para o homem. Tudo nele era de tirar o fôlego. Desde a altura — visível apesar de estar sentado — aos ombros e peito largos. Mas foi seu rosto que fez as palavras grudarem em sua língua: os ossos esculpidos da face e o maxilar quadrado faziam dele um dos caras mais bonitos que Juliet já tinha visto.

— Hum... sim. Meu marido é Thomas Marshall.

O homem ergueu as sobrancelhas, mas não disse nada.

— Sra. Marshall, me deixe explicar o que aconteceu entre Poppy e Charlie — a diretora interveio. — Eles estavam brincando com o conjunto de trens durante o intervalo. — O tom baixo de sua voz fez Juliet se inclinar para a frente. — Eles discutiram por causa do trem azul, e Poppy deu um tapa em Charlie. Receio que a força o tenha feito cair contra a parede, o que causou um sangramento nasal.

Juliet abriu a boca para dizer alguma coisa, depois fechou novamente, sem conseguir encontrar as palavras certas. Seus batimentos cardíacos ecoaram em seus ouvidos, abafando todos os outros sons. A diretora Davies e o sr. Sutherland a encaravam como se ela fosse a pior mãe do mundo.

Talvez estivessem certos.

Material com direitos autorais

— Poppy — ela finalmente disse, a ansiedade fazendo suas palavras tremerem. — Você não deve bater em ninguém. Sabe que é errado.

— Você bateu na amiga do papai quando encontrou os dois juntos em casa — Poppy respondeu. — Disse que não podemos pegar as coisas que pertencem a outras pessoas.

Juliet cobriu a boca com a mão. Como é que Poppy sabia disso? Por um momento, voltou ao passado, encontrando Thomas e sua assistente nas posições mais comprometedoras. A imagem a fez querer vomitar. Seu rosto corou quando olhou para a diretora Davies a fim de ver sua reação. O rosto da mulher estava impassível como sempre.

O sr. Sutherland, por outro lado, estava tentando disfarçar um sorriso. Olhava para ela com novo interesse.

— Ainda assim, é errado bater nas pessoas, querida — Juliet repetiu. Sua boca parecia mais seca que o deserto. Como poderia explicar a uma criança de seis anos a raiva que sentiu quando percebeu que estava sendo traída? Tinha sido a primeira vez que dava um soco em alguém. — Eu não devia ter feito isso, nem você.

— O trem era *meu*. — A voz de Poppy transmitia aquela teimosia familiar. — Eu disse pra ele que era meu, e mesmo assim ele tentou pegar. Sempre foi meu. Ele não pode vir aqui e roubar de mim.

Juliet olhou novamente para o homem pelo canto do olho. Por alguma razão, achou difícil não continuar olhando para ele. Suas bochechas eram altas, o maxilar firme, mas foi a sombra escura da barba por fazer que a surpreendeu. Ele tinha um jeito rude que raramente se via por ali.

Ops. Ele estava olhando diretamente para ela.

— O trem não é seu — Juliet falou. — Pertence à escola, e todos podem brincar com ele. Você precisa se desculpar com o Charlie.

— De jeito nenhum.

O garotinho olhou para ela com os olhos mais arregalados do que nunca. Juliet percebeu que ele não havia falado nada. Seu cabelo loiro estava caído sobre a testa, e as roupas eram um pouco apertadas demais para seu corpo.

— É o primeiro dia do Charlie. Você devia ter sido acolhedora, mostrado a escola para ele. Não pode tratar as pessoas assim. Peça desculpas. — Desta vez ela foi mais dura. Até mesmo Poppy parecia surpresa com seu tom.

— Desculpa.

— Diga de coração.

Material com direitos autorais

Poppy prendeu o lábio inferior com os dentes e o mordiscou. Por um momento, olhou para Charlie, semicerrando os olhos como se estivesse avaliando suas opções.

— Tá bom, desculpa mesmo. É um trem idiota de qualquer jeito. Está faltando metade das rodas. Da próxima vez você devia brincar com o verde, que é mais rápido.

Charlie assentiu em silêncio, como se ela fosse a fonte de todo o conhecimento escolar.

— Bem, acho que é um começo — a diretora Davies falou. — Mas tenho certeza de que a senhora vai concordar que não podemos deixar isso passar. Poppy bateu em um coleguinha, e precisamos puni-la por isso. Temos padrões que esperamos que todos os nossos alunos cumpram.

— Ei, não há necessidade de punir a menina — o sr. Sutherland interveio. Ele realmente tinha uma voz doce como açúcar. — Ela se desculpou, não é? Não podemos simplesmente deixar pra lá? — E deu um sorriso com covinhas para a diretora.

— Não, temo que não possamos deixar pra lá. — A diretora balançou a cabeça, se virando para Juliet. — Temos uma política de tolerância zero em relação à violência aqui no Colégio Surrey. Vou ter que pedir que a senhora leve Poppy para casa e a mantenha fora da escola pelo resto da semana.

— Você está suspendendo a Poppy? — Juliet perguntou, alarmada. Como ia explicar isso para Thomas?

— Ei, para que isso? — o sr. Sutherland insistiu. — O Charlie está bem, a Poppy está arrependida. Não há necessidade de fazer tempestade em copo d'água. Todo mundo comete erros, certo?

— Não sei... — A diretora olhou primeiro para ele e depois para Juliet. — Poppy sempre foi muito enérgica. Não quero que ela pense que toleramos esse tipo de violência.

Juliet umedeceu os lábios secos.

— Ela não vai fazer de novo, garanto.

A mulher juntou as mãos e apoiou o queixo na ponta dos dedos. Virou os olhos para Poppy, que ainda estava sentada em silêncio.

— Poppy, você entende o que fez de errado?

A menina assentiu fervorosamente.

— E sente muito pelo que fez?

Assentiu com veemência de novo.

— Humm — a diretora Davies murmurou. — Tudo bem, então. Não

Material com direitos autorais

vou suspender você desta vez. Mas, se machucar outra criança, vou ficar muito brava. Entendeu?

Agora a voz de Poppy soou tão pequena quanto ela.

— Sim, diretora Davies.

— Muito bem, então. Pode voltar para a aula.

Se Poppy estivesse assustada como Juliet estava, teria entendido bem. Mas a ansiedade de Juliet foi temperada pelo alívio de não ter que contar a Thomas o que havia acontecido.

Era um pequeno consolo, mas ela o aceitou.

— Podemos parar na sorveteria no caminho de casa? — Poppy perguntou, balançando as pernas para que seus pezinhos batessem no assento do carro.

Juliet olhou no espelho retrovisor, notando o carro atrás dela — uma enorme caminhonete.

— Não depois que você bateu naquele pobre menino. Você vai direto para o seu quarto quando chegarmos em casa.

— Não é justo. — Poppy fez uma careta. — Sempre vamos tomar sorvete depois do primeiro dia. É uma trad... trad... aquela coisinha. Você prometeu.

— Não é uma tradição, porque só fizemos isso uma vez. — Juliet estava tentando manter a paciência.

— Mas você prometeu — a voz de Poppy começou a falhar. Seu lábio inferior estava tremendo.

— Prometi antes de você bater no Charlie — Juliet apontou. E mordeu o próprio lábio para tentar conter as emoções. Se havia uma coisa que odiava, era ver Poppy chorar, e a pobre garota já havia chorado o suficiente pelas duas nos últimos seis meses.

— Eu pedi desculpa. Brinquei com ele no intervalo depois do meio-dia. Até dei o trem verde e o azul pra ele. O Charlie disse que nós somos amigos.

— Estou feliz que você tenha feito isso. Foi uma boa atitude.

— Então podemos tomar sorvete? — Poppy se inclinou para a frente até que o cinto de segurança a deteve. — Por favor, mamãe?

Havia uma fila de carros à frente, todos esperando o trânsito ser liberado. Juliet colocou o pé no freio, diminuindo a velocidade

Material com direitos autorais

lentamente até parar. Olhando para os carros na rua, se perguntou como as coisas tinham ficado tão difíceis. Cuidar de filhos já era complicado o suficiente quando havia dois pais, mas pelo menos havia alguém com quem dividir as coisas e se lamentar.

Sozinha, parecia quase impossível. Era uma das poucas vezes em que sentia falta de Thomas.

— Por favor, mamãe? — Poppy disse novamente. Os carros da frente começaram a se mover devagar, e Juliet olhou no espelho. A caminhonete preta estava logo atrás dela agora, e, quando levantou os olhos, pôde identificar o motorista sentado ao lado do filho com uma franja loira.

Um olhar foi o suficiente para acelerar sua pulsação. Por que aquele homem tinha tal efeito nela?

Só podia ser outro estágio da separação. Talvez até mesmo um sinal de que estava superando Thomas. Poderia ser qualquer pessoa. O sr. Sutherland simplesmente estava lá na hora certa — ou errada. A culpa era dos hormônios. Ela mal tinha olhado para outro homem desde que se separara de Thomas, seis meses atrás, e antes da separação já havia alguns meses que não ficavam juntos intimamente. Era uma reação do seu corpo ao celibato forçado, nada mais, nada menos.

Caramba, talvez algo gelado fosse bom para as duas.

— Tudo bem, vamos tomar sorvete — Juliet concordou. — Mas, se você bater em alguém de novo, nada de sorveteria por um ano.

Poppy assentiu, uma expressão séria no rosto.

— E você também, mamãe, se bater em alguém de novo.

Touché. Juliet tentou disfarçar o sorriso — e falhou.

Material com direitos autorais

2

Duas famílias, ambas com iguais dignidades.
— *Romeu e Julieta*

— Ei, amigão, quer tomar sorvete? — Ryan acelerou a caminhonete, ultrapassando o cruzamento de quatro vias. — Tem um lugar muito legal aqui perto aonde costumávamos ir quando eu era criança.

De repente Charlie pareceu interessado, como sempre fazia quando Ryan mencionava sua infância.

— Qual era o seu sorvete favorito? — ele perguntou.

— Noz-pecã e xarope de bordo — Ryan disse, sorrindo. — Era doce pra caramba, mas tinha um gosto muito bom. Me pergunto se ainda existe.

— É esse que eu quero pedir. — Charlie pareceu decidido. — Adoro nozes.

O fato era que Charlie amava quase tudo que experimentava. Ele crescera aprendendo sobre gostos e culinárias diferentes, juntando-se a Ryan regularmente em suas viagens desde que era bebê.

— Noz-pecã e bordo, então.

Ryan ainda não conseguia entender quão estranho era estar de volta a Shaw Haven depois de tanto tempo. Algumas mudanças aconteceram — uma microcervejaria na rua principal, uma nova galeria de arte na orla —, mas, no fundo, continuava uma pacata cidade portuária. Cheia de casas coloridas e com o cheiro da brisa do mar, Shaw Haven estava ali havia séculos, desde que o primeiro Shaw descera de seu barco e reivindicara essa terra à beira da baía de Chesapeake.

Estar ali parecia voltar no tempo.

Material com direitos autorais